

*“Quando num povo morre un velho, desaparece um magnífico zoólogo, um excelente botânico e um fantástico conservacionista do meio”*

## **DA PERDA DE TALENTO À CULTURA DOS GENÉRICOS\***

### ***Manuel Rivero***

A capacidade de conhecer a flora, a fauna e a de estabelecer relações adequadas com o meio é um dos talentos com que conta a natureza humana, à qual podemos denominar inteligência naturalista ou da natureza.

Uma das formas de diagnosticar o estado de saúde desse talento é perguntar as pessoas pelo nome das ervas, dos pássaros, das frutas e dos diferentes espaços das terras de labor, de campos, touças e do comunal onde eles habitam.

Isso foi o que se fez neste trabalho de investigação:

O trabalho de campo realizou-se durante a segunda metade do ano 2003 e a primeira do ano 2004, em três freguesias da Baixa Límia: O Banho, Santa Comba e Santa Cristina; e numa da marinha luguesa: Sam Miguel de Reinante.

E o trabalho de contraste realizou-se em quatro aldeias: Ganceiros em Lóvios, Prado em Lalim, Cabanelas em Návía de Suarna e Porreira em Aviom.

Perguntou-se a cento e sete pessoas de diferente idade e sexo por esta ordem: “diga-me nomes de ervas, de pássaros, de frutas e de espaços do lugar que você conheça”.

Para nom enviesarmos a informação, tomamos nota pola ordem em que nos iam enumerando as diferentes espécies e espaços do lugar. Ao mesmo tempo, analisamos a importância da enumeração na estrutura do discurso aquando a sua interpretação.

Ao findarmos o trabalho, ordenámos as respostas por faixas de idade e fizemos quatro grupos:

- 
- Conferência proferida em dia 23 de Outubro de 2004 em Vilar de Santos, no quadro das "Jornadas sobre Património de Tradição Oral", que organizou essa Câmara Municipal.
  - Distribui em formato pdf o Portal Galego da Língua ([www.agal-gz.org](http://www.agal-gz.org)).

**De quarenta ou mais anos** até noventa e cinco, que é a idade da mais idosa das pessoas entrevistadas:

Encontramos uma informação uniforme quer em quantidade quer em qualidade e significado da mesma.

Estas pessoas conhecem:

De 20 a 25 nomes de pássaros

De 35 a 42 nomes de ervas

De 9 a 11 castas de maçãs

De 7 ou 8 nomes de peras

Entre 80 ou 90 nomes de espaços do lugar.

E, quando falamos de conhecerem, é de saberem para que servem, quando vem, quando se vam, em que me ajuda, como se interrelacionam.

**De trinta para quarenta anos:**

Dependendo dos lugares encontramos pessoas de trinta e três anos que nos forneciam mais dados que uma de trinta e sete anos, apareciam certos dentes de serra, que se compensavam ao analisarem-se num intervalo mais alargado.

Descobrimos que se perde informação e, ao mesmo tempo, aparece um aviso negativo, que se vai confirmar no intervalo seguinte. Assim:

- Pássaros, ficam abaixo de vinte com muita frequência
- Ervas, nem chegam a trinta a maior parte das vezes
- Peras, apenas cinco
- Maçãs, com frequência abaixo de sete
- Espaços do lugar, encontramos uma ligeira perda.

Verificamos que o suporte da faixa anterior faz de resistência a este intervalo que tem muitas dificuldades para superá-lo. A informação que se perde é mais de quantidade que de qualidade.

O que sim apreciamos é uma sensível variação negativa na sua enumeração em todos os pontos perguntados.

**De vinte para trinta anos** acontece o mesmo que na faixa anterior, os altos e baixos compensam-se ao serem analisados com a uniformidade do intervalo completo. Comprovamos que se perde quantidade, qualidade e significado

informativo. Confirma a tendência anterior e acentua a pendente negativa da mesma.

Assim:

- pássaros identificam, mas não conhecem em profundidade, entre 7 e 10, começam a incorporar espécies forâneas como o "periquito", o "colibri" e a "paloma" em várias ocasiões.
- ervas identificam, como máximo, dez ou doze, a maioria das vezes ficam abaixo das dez espécies identificadas.
- maças diferenciam entre duas ou três, e incorporam com muita frequência a "golden" que é forânea.
- peras com muita dificuldade identificam uma, mas a maior parte das vezes já as chamam peras.
- Para os espaços do lugar por volta de metade, ou menos, não seguem o esquema de proximidade que utilizam as duas faixas anteriores.

O efeito divisor e a perda de significado, bem como a dimensão quantitativa/qualitativa, é tão evidente como preocupante neste intervalo de idade.

**De 20 para abaixo** podemos fazer também algum subgrupo, mas, para a nossa investigação, chega com a tendência que se vem marcando desde os quarenta anos. Continua a perder-se, de forma acentuada, quantidade e qualidade informativa e de conhecimento de todo o que os rodeia.

Ratifica a tendência anterior de forma mais acusada, quebra o suporte e a queda parece levar indícios de ser livre, assim:

- pássaros, identificam dois, três, quatro, ou, como muito, cinco
- ervas, de três a seis espécies diferentes
- maças e peras, não identificam nenhuma
- nomes de espaço do lugar, entre sete e dez.

Esta investigação confirma-nos o que estávamos a recear: está-se a perder talento. Mostra-nos a descapitalização progressiva do património cultural, intelectual e lingüístico do meio rural.

Comprovamos que o processo de empobrecimento é tão intenso, que dificilmente vai ter remédio e mostra-se de forma diáfana em cada uma das análises das variáveis lingüísticas, sociológicas, psicológicas, culturais, económicas ou mesmo sociais:

**a).- Lingüísticas:** a palavra é um dos meios mais adequados para transmitir conhecimentos, ritos, costumes, mitos, crenças, normas e valores da comunidade. Ao ir-se perdendo este vocabulário, produz-se:

1. uma perda de capital quer qualitativo quer quantitativo; o que som e para que servem as cousas, as quais perdem o seu significado: nom é o mesmo identificar uma maçá camoesa polo seu nome que polo genérico de maçá
2. um distanciamento entre os membros de mais idade de uma comunidade com os de menor idade da mesma. Essa distância lingüística é cada vez mais intensa, o que faz com que cada dia os vá situando em zonas de preocupação diferente. Estám-se a substituir as pontes da socializaçom e da coesom comunitárias polos muros do distanciamento entre as diferentes faixas etárias da populaçom.

**b).- Sociológicas:** Ao analisarmos este fenómeno desde o plano da sociologia, descobrimos a evoluçom que se foi dando, passando do positivo para o negativo, das fortalezas para as fraquezas e das oportuñidades para as ameaças. Assim temos o seguinte ciclo evolutivo:

- *Dependência:* coloca-nos na etapa em que a vida da aldeia dependia do meio, e o cuidado deste, que permitia a alimentaçom e o desenvolvimento dos diferentes ecossistemas de vida. As coortes máis novas nom precisam desses recursos, daí o escasso interesse que mostram quando se lhe fazem as perguntas no inquérito.
- *Interdependências:* essa relaçom de intercâmbio contribuía para um estado de comunhom do homem com seu contorno, descobrindo o benefício mutuo que lhes garante. Essa forte inter-relaçom, fez que aflorassem as relaçoēs de consenso, mimo e cuidado do meio.
- *Oportuñidades,* as pessoas mais idosas viram no seu meio, e nos seus pássaros, frutas e ervas, muitas oportuñidades, estas afloram de forma nítida na medida que no-las nomeiam: começam sempre polas mais medicinais quando falam das ervas, as mais saborosas quando o fazem das frutas, os mais vistosos, cantores ou coloristas quando nos falam dos seus pássaros.
- *Têm a cabeça estruturada em positivo,* as suas crenças determinam essa atitude positiva e de beneficios

- *Fortalezas*: essas ervas, frutas, espaços ou pássaros faziam parte das alavancas que potenciavam a suas fortalezas, eram meios que estavam aí para tornar a vida mais lúdica e fácil, com o curar das suas doenças, matar a sua fome ou alegrar o seu espírito.
- *Indepêndecias*: a separação progressiva que se vai dando a partir de vinte e cinco anos para abaixo, leva a ver-se de forma independente. Botaram a andar un caminho sem retorno e em direcção oposta, e como muito toleram-se, se é que nom se obstruem. Neste momento as sinergias vam cada uma por seu lado.
- *Indiferenças*: dado a que cada vez se precisam menos, nom se interessam, nem se admiram ou respeitam, e a indiferença é tal que nom se conhecem polo seu nome. Para identificá-los chega-lhes com dizerem que é “um pássaro “, “uma erva” ou está “no monte”, sem poderem especificar que pássaro é, de que erva se trata ou o nome do monte onde está.
- *Ameaças*: o que nas camadas superiores de idade eram oportunidades, faz apenas quarenta anos, agora tornam-se ameaças: quando nos falamos das ervas, a maior parte das vezes, reconhecem a urtiga em primeiro lugar, o qual nos dá a entender que nom se deve ao seu efeito medicinal, antes bem ao prurido que deixa quando se tocam.
- *Debilidades*: Enumerar uma ou duas espécies de trinta ou quarenta que os rodeiam, pode-se considerar uma pobre colheita.

**c).- económicas**: som de destacar:

- *correlação positiva*: esta vai a par da idade, a mais idade maior apreço, valorização, memória, visão positiva, conhecimento e influência. O que fizer o homem terá de ser no meio, e o que se passar no meio vai influir no homem. Por exemplo, se houve uma má colheita de fruta isso envolvia fome para esse ano.
- *correlação negativa*: inverte a tendência anterior, a menor idade menos tem a ver, isto é, menos se interessam e se influem. O que se passa no meio da aldeia já nom tem de ver na vida do homem, que mesmo parece que está habitá-lo de forma circunstancial ou de passagem.

Representada num eixo de coordenadas, ao cruzar as variáveis idade com número de espécies conhecidas, aparece um "sino de Gauss", no qual som identificadas a zona útil das coortes de mais idade, e a zona parasita das de

menor idade, que passa a acentuar-se de forma intensa na medida que nos aproximamos aos membros mais novos da comunidade. Adopta a forma de curva negativa decrescente, sendo mais marcada de vinte anos para abaixo. Quer dizer-se, a maior idade maior conhecimento dos elementos preguntados; e a menor idade mais desconhecimento e escassa ou nula valorização dos mesmos.

**d).- psicológicas**, cada vez é menos o tempo que dedicam a cuidar, observar, escutar, saborear ou pensar nas suas ervas, fruta, espaços e pássaros. Esta dinâmica faz que se empobreça o seu conhecimento e, ao ocupar cada vez menos espaço na sua mente para armazenar esse saber, isto resulta em que falhem as ideias criativas, o apreço, carinho, utilidade ou proveito, que, apesar de nom serem necessárias desde o plano económico, continuam a ser uma fonte de riqueza desde a dimensom psicológica, sociológica e social.

**e).- sociais**, este traballo de investigación, foi-nos levando por:

- *O cume da notoriedade*, cando os protagonistas foram as pessoas de entre quarenta a noventa e cinco anos, o conhecimento, apreço e utilidade é fundamental, as relacións son de coidado polo beneficio mutuo que contribuem.
- *na meseta de interesse relativo*, ou etapa de transiçom, quando nos encontramos com as camadas intermedias de trinta a quarenta anos.
- *o vale da indiferença actual*, quando falamos das coortes de vinte anos para abaixo.

Essa situaçom, falando en terminologia médica, leva a establecermos um **DIAGNÓSTICO**, no qual:

Estamos perante a ponta do grande icebergue, cuja tendência é um processo sem retorno é um desconhecimento por parte do homem de todo o que o rodeia. Há uma separaçom e um distanciamento progressivo do homem com o seu meio, sem se identificarem, amarem-se e mesmo precisarem-se.

Começa um período de viver de costas voltadas para as suas ervas, as suas frutas, os seus pássaros e os nomes dos diferentes espaços, tanto comunais como privados, os quais nom faz muito tempo, eram amados, apreciados e cuidados polas pessoas hoje mais idosas.

Estám num tempo de indiferença, de anestesia e de esquecimento, até porque:

- as ervas boas, por fortuna, nom as precisam para curar as suas doenças, pois hoje podem acudir à medicina moderna que é mais eficaz, tanto curativa quanto preventivamente.
- as ervas más nom criam preocupações, porque mal se semeia ou cultiva, e entom já nom incordiam.
- os pássaros, nem polo seu canto, nem pola sua beleza, presença ou ausência criam um estado de interesse.
- as frutas, já nom as cuidam, nem as necessitam. Nom se aprecia a diferença de sabor ou arrecendo do próprio face ao alheio.
- os espaços perderam o seu significado, quase nem se utilizam ou se percorrem.

### PROGNÓSTICO

Perante estes dados, além de descobrir a tendência negativa, nom é difícil predizer que o capital acumulado e conservado polos nossos antepassados está a ser dilapidado num espaço muito curto de tempo, pois estamos a falar de menos de trinta anos, no qual:

- os nosos pássaros já nom vam ser identificados como gaios, pegas, melros, poupas ou cucos. O seu canto, colorido ou tamanho nom se vai ter em conta na altura de identificá-los, e serám uns vulgares **“pássaros” OU OBJECTOS VOADORES**, talvez já de aqui a pouco tempo
- as nossas ervas deixaram de ser malvelas, milhás, trigás ou leitarugas, e nom se terá em conta o seu tamanho, flor ou espaço onde estão acomodadas, para serem reconhecidas por um algo tam ambíguo como o de **“ervas”, OU ESSAS COUSAS VERDES**
- o nome dos espaços perdem a identidade, e serám nomeados pola função ou utilidade que tiverem de: **“campo, monte, terra, horta ou touça”**.
- as peras e maçás, serám frutas, sem se diferenciar, a forma, cor, sabor ou arrecendo, se som temperás ou serôdias, e para identificá-las vai chegar com **“ frutas”**

Estas novas gerações nom vam poder transmitir aos seus filhos algo tam enriquecedor, apreciado e útil, com o que conviveram e se interrelacionaram num ecossistema común, no qual cada um tinha o seu protagonismo, o seu tempo, o seu modo e sua utilidade, como as ervas, os pássaros, as frutas e nomes de espaços onde se criavam.

Este tipo de comportamento, irremediavelmente conduz para a cultura da pobreza e da ignorância que não é outra que a dos **“genéricos”** de pássaros, ervas, frutas e lugares.

### **TERAPIA:**

É difícil encontrar uma medicina para restaurar este desvio que há tempo que começou a fraguar-se e que se materializou nestes últimos anos. Esta actuação tem de vir por várias vias:

- passar da visão superficial ou indiferente da actualidade e aprofundar nos dados que nos ministram, associá-los e ver a informação que nos proporcionam, descobrir o conhecimento que encerram até chegar a desfrutar desta sabedoria que de forma "grátis" está ao nosso alcance.
- descobrir o alto valor qualitativo desse património acumulado ao longo do tempo pelo que é e o que significa.
- dar a conhecer e potenciar esse recurso natural.
- recuperar a capacidade de assombro ao deter-se a contemplar os seus tamanhos, formas, cores e matizes.
- querer esse capital que de forma grátis conservaram e puseram ao nosso alcance os nossos antepassados.
- reparar em que a modernidade não está rifada com a tradição, e que antigo não é sinónimo de rançoso e obsoleto, antes a tradição a maioria das vezes é talento e, claro, sabedoria.
- também é necessário que as pessoas que gozam deste conhecimento, se interessem por transmiti-lo, crer no seu valor e esforçar-se por socializar as novas gerações no interesse pelo mesmo.
- a escola tem de estar comprometida, e deve de interessar-se por este saber, e ministrá-lo como matéria.
- a administração não pode ser alheia a este deterioramento, e deve de pôr meios para paliar a desídia actual.
- redescobrir de novo o seu valor e a riqueza da sua diversidade.

- é necessário catalogar de forma urgente todas esas ervas, pássaros, frutas e nomes dos espaços, dado que de aqui a muito poucos anos nom vamos ter quem nos informe das mesmas.

O ritual da vida actual, faz que nom se precise:

- da sinfonia de sons dos nossos pássaros.
- da paleta de cores das nossas plantas, flores e ervas
- dos matizes e contrastes das nossas florestas
- nem da pluralidade de arrecendos e sabores das nossas frutas

Temos de reparar que estamos a perder sabedoria dia a dia, e disso todos somos culpados. Nom podemos prescindir da inteligência naturalista que tinham os nossos pais e avôs, autênticos mestres da botânica, da zoologia e das relações com o meio.